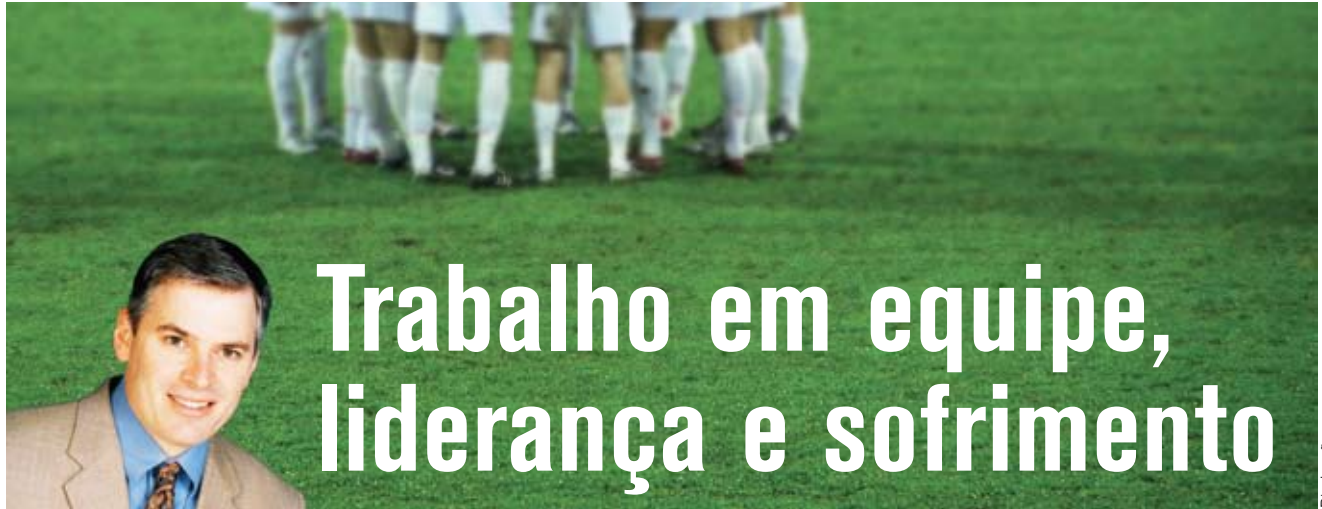


[Colunista convidado: Patrick Lencioni]



Divulgação

Por que nossa aversão ao sofrimento torna difícil tirarmos algum benefício dele e, assim, superarmos dificuldades no dia-a-dia das empresas

Uma das mais frequentes preocupações da vida contemporânea, se não a predominante, é a vontade de evitar o sofrimento. Muito de nossa vida – e de nossa economia – é voltada a encontrar maneiras de enfrentar os dias sem precisar passar pelas inevitáveis dificuldades, tanto físicas como emocionais.

Podemos comprovar isso com tudo, desde centenas de remédios para a dor (por exemplo, Tylenol extraforte em cápsulas-gel para crianças canhotas) até anúncios mentirosos prometendo soluções milagrosas para perder peso (“Coma quanto quiser e nunca faça exercício!”) e livros de auto-ajuda que nos encorajam a evitar a culpa e a responsabilidade por nossos atos e a

transferi-las para os pais, um professor ou até um animal de estimação.

Claro que podemos entender isso. Nenhum de nós procura oportunidades de sofrer e, assim, ninguém está imune à tentação de evitar o sofrimento. No entanto, nossa incapacidade de entender que sofrer é inevitável e necessário tem seu preço.

Quando as pessoas sentem mais medo de sofrer do que deveriam sentir, ironicamente elas experimentam uma angústia e um estresse desnecessários. Além disso, algumas diriam que a preocupação, na verdade, aumenta a sensação de que aquilo temido acontecerá. Nossa aversão ao sofrimento torna difícil tirarmos algum benefício de seus efeitos, e é por meio dessa percepção que superamos as dificuldades.

Isso é realmente verdade quando se trata de trabalho em equipe e liderança, embora um termo melhor para sofrimento seja “desconforto”. Quase sempre, os líderes e seus seguidores trabalham assumindo que o

sucesso depende de nunca lidar com momentos de dor e estranheza entre os colegas. É claro que isso torna virtualmente impossível – não, torna completamente impossível – alcançar algum avanço verdadeiro na formação de uma equipe.

Toda grande equipe deve sofrer um pouco – e, algumas vezes, muito – para atingir a grandeza. É preciso enfrentar, experimentar e lutar com a inconformidade e os momentos ameaçadores de um conflito e uma confusão, e daí trabalhar tais momentos demonstrando coragem, persistência e perdão. Fazendo isso, estabelecem-se níveis de confiança que não são alcançados de outra forma.

Aqueles que tendem a ser céticos sobre o assunto e a continuar procurando um processo de formação de equipes que não seja doloroso nem desconfortante deveriam observar as famílias e o casamento para ter mais clareza. Quando percebemos que não conseguimos formar, ou manter, uma família ou um casamento bom sem o desejo

de entrar em um perigoso conflito e desconforto interpessoal, podemos começar a apreciar a importância de fazer o mesmo com nossas equipes.

Ironicamente, fazendo isso, uma equipe reduzirá o grau de estranheza experimentado, assim como o tempo gasto nessas situações. O mais importante é que isso criará um ambiente de honestidade, comunicação e interação naturais – o que vale muito mais do que aqueles falsos benefícios gerados por evitar o desconforto.

Os *best-sellers* de negócio de Patrick Lencioni já venderam cerca de 2,5 milhões de cópias. Seu último livro, *Sua Carreira Empacou? – Reconheça os Sinais e Vire o Jogo* (ed. Campus/Elsevier), foi publicado em agosto de 2007. Depois de mais de cinco anos do lançamento, a obra *Os Cinco Desafios das Equipes* continua firme em muitas listas nacionais de *best-sellers*. A empresa de consultoria de Lencioni, The Table Group, fornece idéias, produtos e serviços que melhoram o trabalho em equipe, a clareza e a eficácia.